

ATELIÊS AUTOBIOGRÁFICOS: ESCRITORAS DE ALAGOINHAS E SUAS ESCRIVIVÊNCIAS

Gislene Alves da Silva¹

Resumo: O texto que ora exponho tem como pretensão apresentar o processo metodológico desenvolvido na pesquisa de mestrado intitulada, *Narrativas autobiográficas de escritoras de Alagoinhas: Processos de (auto)formação e (re)significação*. Este estudo foi desenvolvido na perspectiva da pesquisa-ação e do método (auto)biográfico para a coleta e análise de dados. Para tanto, nos inspiramos, em parte, no projeto desenvolvido pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006), com os ateliês autobiográficos, que podem ser entendido como um espaço de *formabilidade* onde se “registram a ‘história de vida’ em uma dimensão prospectiva, unindo as três dimensões da temporalidade, e visa a dar as bases para o futuro do sujeito e fazer emergir seu projeto pessoal” (DELORY, 2006, p. 99). Assim, colhemos os escritos autobiográficos, produzidos nos ateliês autobiográficos, das escritoras de Alagoinhas, Luzia Senna e Margarida Souza, que participaram desta pesquisa, bem como fizemos as entrevistas narrativas.

Palavras-Chave: Ateliês autobiográficos. Escrivivência. Escritoras de Alagoinhas.

WORKSHOPS AUTOBIOGRAPHICAL: ALAGOINHAS OF WRITERS AND ESCRIVIVÊNCIAS

Abstract: The text now present intention is to present the methodological process developed at the master's research titled, *autobiographical narratives of writers Alagoinhas: Processes (self) training and (re) signification*. This study was developed from the perspective of action research and the method (auto) bi-

¹ Mestranda em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas. Bolsista Capes. Endereço eletrônico: galves11@hotmail.com.

ographical for data collection and analysis. For this, we were inspired, in part, on the design developed by the researcher Christine Delory-Momberger (2006), with the autobiographical workshops, which can be understood as a formability space where "record the 'life story' in a prospective dimension uniting the three dimensions of temporality, and aims to give the basis for the future of the subject and bring out his personal project "(DELORY, 2006, p. 99). Thus, we reap the autobiographical writings, produced in autobiographical workshops, the writers of Alagoinhas, Luzia Senna and Margarida Souza, who participated in this research as well as did the narrative interviews.
Keywords: Autobiographical workshops. Escrivência. Writers of Alagoinhas.

Considerações preliminares

Nesta pesquisa em desenvolvimento trabalhamos com um pequeno grupo de escritoras para investigar como estas escritoras ressignificam suas histórias de vida, no contato com outras escritoras, na apropriação do seu percurso de vida, promovida pela pesquisa que também foi uma ação no sentido de criação de ambiente que estimulou esta ressignificação.

O dispositivo metodológico adotado nesta pesquisa nos permitiu conhecer a trajetória de vida das escritoras de Alagoinhas, para tanto, nos inspiramos no projeto desenvolvido pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006) com os ateliês autobiográficos. Deste modo, colhemos os escritos autobiográficos produzidos nos ateliês, assim como as entrevistas narrativas. O trabalho desenvolvido nos ateliês autobiográficos deu embasamento para a construção das escritas de si, onde emergem as histórias de vida de cada escritora.

Por isso pensamos em investigar como as escritoras de Alagoinhas ressignificam as suas histórias de vida a partir das

narrativas autobiográficas que seriam construídas durante o curso *escrevivendo*. Pensamos este curso enquanto atividades conjuntas que poderiam nos servir de alternativas, de arma de combate sociocultural, para promovermos um ambiente de leituras desviantes, descolonizadoras, das escritoras memorialísticas Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, para que pudéssemos, assim, fortalecer o debate para criarmos dispositivos contra a dominação do discurso patriarcal, um essencialismo e operarmos leituras críticas e reflexivas por outra política à favor da vida.

Assim, a nossa intenção, neste curso, foi fazer com que as escritoras de Alagoinhas tomassem maior conhecimento das escritoras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, mas, ao mesmo tempo, a partir das leituras dos textos delas, refletissem sobre as suas próprias histórias de vida, tomando a direção destas em suas mãos. Assim, nesta pesquisa, investigamos como se deu o processo destes encontros, de um possível empoderamento através destes, e a ressignificação de si, por parte de escritoras de Alagoinhas, através das narrativas autobiográficas construídas também a partir destes encontros.

Deste modo, pensamos em trabalhar com o método biográfico que caminha em duas direções, como instrumento de formação e instrumento de investigação. “A formação se dá na incompletude de cada um, ou seria na capacidade de voltar-se para si, na busca da superação e na orientação e (re) orientação de cada um e na comunhão coletiva com outros” (PEREIRA, 2013, p. 179).

Caminhos traçados

A pesquisa-ação surge nesta pesquisa, com as escritoras de Alagoinhas, como uma tentativa de desativar dispositivos que, de alguma maneira, aprisionam essas mulheres que escrevem. Enquanto agente envolvida na pesquisa-ação, busco mediar o autoestudo destas escritoras, fazendo per-

guntas que as instiguem a pensar/rever seu trajeto, buscando soluções, outras formas de enfrentamento dos aprisionamentos, a partir de algumas perguntas do tipo: Como transformar as nossas marcas em política? Como criamos condições para escrever? Que horas, que momento escrevemos? Como fazemos para escrever? O que escrevemos? Que sentidos atribuímos para a escrita? Que sentidos atribuímos para nós enquanto mulher, com condições financeiras modestas, enquanto mulher negra, nordestina, que escreve?

Na trajetória da pesquisa fica clara a importância desta mediação, de ações desenvolvidas pela Universidade e, nesse sentido, a demanda pelo fortalecimento desta cooperação é fundamental. Também ficou clara a importância de se estudar, considerar os escritos femininos como expressão de uma cultura feminina que entrelaça literatura, vida e resistência, ou seja, a crença de que a literatura é potência.

Por entendermos deste modo, que nos apoiamos, também, no método (auto)biográfico que caminha em duas direções como 'instrumento de investigação' e 'instrumento de formação'. Assim, compreendemos que "o método biográfico constitui uma abordagem que possibilita ir mais longe na investigação e na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos que o compõem." (FINGER e NÓVOA, 2011, p. 23).

Maria da Conceição Passeggi (2010, p. 28) relembra que é na Alemanha que a abordagem (auto)biográfica nas Ciências Humanas e Sociais emerge contrapondo os modelos positivistas, porém coube aos sociólogos americanos da Escola de Chicago empregá-lo com uma configuração mais sistemática desenvolvendo estudos sobre "migrantes e a marginalidade".

Os pesquisadores tomam como fonte de investigação as histórias de vida, correspondências e documentos pessoais dos sujeitos da pesquisa, que podem ser convidados a participar do processo de interpretação

dos dados. O avanço dos métodos quantitativos, entre os anos 1940 e 1970, marcou um recuo dessa abordagem, que parecia então irreversível. Após trinta anos de recuo, o retorno do sujeito permite a redescoberta das fontes biográficas e reabilita a orientação hermenêutica, interpretativista, na análise dos dados sociais (PASSEGGI, 2010, p. 28).

É neste mesmo contexto, de renovação do método (auto)biográfico, que os estudos literários, por meio da abordagem dos estudos da cultura, passaram a relacionar a sua investigação com o sócio-político-cultural-subjetivo. Ultrapassando as fronteiras disciplinares, os estudiosos ampliaram seus pontos de interesses e modos de operar com o texto literário e não literário, explorando a relação da literatura com a cultura, desvelando o “espaço autobiográfico” como vetor crítico e de tensionamentos discursivos, por meio do diálogo interdisciplinar com a filosofia, psicologia, história, antropologia, dentre outras áreas do conhecimento.

Os estudos culturais emergem com uma perspectiva plural, possibilitando aos estudos literários o questionamento do modelo canônico, a partir de uma visão de mundo descentrado, operando a partir de múltiplos pontos de vista, abrangendo as literaturas não canônicas, como as das mulheres, negros, índios etc. Assim, pesquisas sobre os grupos minoritários passam a ser desenvolvidas.

A configuração dos estudos culturais sofreu interrupção pelas novas ideias provindas do feminismo. A partir de então, as questões pessoais são tratadas como políticas, ocasionando mudanças significativas do objeto de estudo, inovando o campo teórico e prático dos estudos culturais. “É nesse período que o mercado editorial em vários países do mundo passa a publicar registros pessoais de grupos minoritários (ao menos do ponto de vista de prestígio social), como negros, mulheres, homossexuais, prisioneiros, camponeses e outros” (LACERDA, 2003, p. 40).

Por tanto, nesta abordagem metodológica, é possível contextualizar o lugar de fala de cada um desses sujeitos que narram as suas histórias de vidas. Deste modo, nos propomos estudar tanto cenas literárias produzidas pelas escritoras que elegemos, como seus relatos autobiográficos, cenas de escritas de si construídas pela via da memória, na perspectiva de gênero, através da abordagem da crítica literária e cultural, que certamente considera a crítica biográfica contemporânea, uma vez que o “espaço biográfico” transforma-se em um “vetor analítico crítico da sociedade”, que requer diferentes olhares disciplinares e políticos (ARFUCH, 2012, p. 07).

Optamos por fazer uso da entrevista narrativa juntamente com os ateliês autobiográficos, como um dos meios para a coleta de dados deste estudo. Embora esses métodos de investigação tenham se desenvolvido amplamente nas Ciências Sociais, foi sendo abordado por teóricos de outros campos de conhecimentos, como o cultural e literário, lugar onde esta pesquisa se desenvolve. Vejamos o que Karine Pereira Goss (2011) nos diz sobre o estudo de narrativas como método de pesquisa qualitativa.

O estudo de narrativas na investigação social tem conquistado um amplo espaço dentro das Ciências Sociais nos últimos anos. Embora as narrativas tenham se tornados um método muito difundido sua discussão vai, contudo, muito além do seu emprego como método de investigação. A narrativa como uma forma discursiva de diversos tipos de histórias, foi abordada por teóricos culturais e literários, filósofos da história, psicólogos e antropólogos. O uso de narrativas como forma de expressão, de narrar um fato ou contar uma história está presente em toda experiência humana. O contar história implica a construção de estados intencionais que podem aliviar ou tornar familiares acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (GOSS, 2011, p. 223-224).

Ao trabalharmos as entrevistas narrativas com escritoras de Alagoíhas percebemos como questões do cotidiano eram passadas despercebidas, quando estas nos dizem que passaram a discutir, nos encontros, assuntos que elas pensavam não ter importância nenhuma e que nem eram vivenciados por elas. Assim, a partir das entrevistas narrativas, percebemos que os acontecimentos que confrontam a vida cotidiana dessas escritoras tornam-se familiares a estas, o que não seria possível no esquema pergunta-resposta, das entrevistas, que é comumente utilizado como instrumento de coletas de dados.

Para Fritz Schutze (2011, p. 212) a entrevista narrativa autobiográfica, a partir de uma “questão narrativa orientada autobiograficamente”, se divide em três momentos fundamentais. A saber:

A primeira parte a narrativa autobiográfica inicial. Na medida em que o objeto da narrativa seja efetivamente a história de vida do informante e transcorrendo compreensível de forma que o ouvinte possa segui-la, não deverá ser interrompida pelo pesquisador-entrevistador. [...]

A segunda parte central da entrevista, o pesquisador-entrevistador inicia explorando o potencial narrativo tangencial de fios temáticos narrativos transversais, que foram cortados na fase inicial em fragmentos nos quais o estilo narrativo foi resumido, supondo-se não serem de importância; em fragmentos pouco plausíveis e de uma vaguidade abstrata, por se tratarem de situações dolorosas, estigmatizadoras ou de legitimação problemática para o narrador, bem como em fragmentos nos quais o próprio informante demonstra não ter clareza sobre a situação. [...]

A terceira parte da entrevista narrativa autobiográfica consiste, por um lado, no incentivo à descrição abstrata de situações, de percursos e contextos sistemáticos que se repetem, bem como da respectiva forma de apresentação do informante; por outro, no estímulo às perguntas teóricas do tipo “porque?” e suas

respostas argumentativas. De agora em diante, trata-se de explorar a capacidade de explicação e de abstração do informante como especialista e teórico de seu “eu” (SCHUTZE, 2011, p. 212).

Esses três momentos, da entrevista narrativa autobiográfica, apresentado por Schutze (2011) foram desenvolvidos, em alguma medida, nos ateliês autobiográficos com as escritoras de Alagoinhas, que, como já dissemos, se caracterizaram em uma técnica de coleta de dados feita em parceria com os sujeitos envolvidos. Desta forma, tomando como inspiração o que foi apresentado por Schutze (2011), no primeiro momento dos ateliês que criamos, as escritoras narraram suas histórias de vida com base em um eixo norteador sem serem interrompidas. O segundo momento foi usado para buscar esclarecimentos de fatos lacunares, que não foram bem explorados na narração das escritoras. E depois, em um terceiro momento, fizemos perguntas mais teóricas, buscando o esclarecimento de determinados acontecimentos, fazendo com que a escritora-entrevistada refletisse sobre o fato vivido.

Como nos diz Delory-Momberger (2006), sujeitos se formam a partir da apropriação do seu percurso de vida. A ‘história de vida’ construída pelo viés da narrativa é entendida como uma “ficção verdadeira do sujeito” (DELORY, 2006, p. 98), pois ao enunciá-la, este a toma como verdade e se constrói como sujeito.

Em vista disto, para Delory-Momberger (2006, p. 99) as histórias de vida formam para a “formabilidade”, “para a capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com sua ‘história’, considerada como processo de formação”. Esse processo de formação enlaça as três perspectivas da temporalidade, onde a história de vida adquire uma prospecção, o que leva o sujeito a projetar-se percebendo como outro futuro é possível.

Conforme Delory-Momberger (2006), para que o trabalho desenvolvido nos ateliês obtenha êxito é importante que o grupo não ultrapasse de doze pessoas. Desse modo, a cada sessão é preciso que os participantes tenham conhecimento dos objetivos do encontro e tema e o trabalho construído pela pesquisa deveria desenvolver-se em seis etapas.

Os ateliês autobiográficos desenvolvidos nesta pesquisa tem ampla inspiração neste trabalho desenvolvido pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006). Nos ateliês com as escritoras de Alagoinhas optamos por, a cada encontro, produzir uma escrita autobiográfica, a partir do contato com os textos ficcionais e autobiográficos de outras escritoras subalternizadas, como: Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Nos Ateliês trabalhamos com a leitura de trecho do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, com os poemas *Eu-mulher*, e *Vozes-mulheres* e o conto *Olhos d'água* de Conceição Evaristo.

Desse modo, através dos ateliês autobiográficos que fomentamos, buscamos, como já pontuamos, fazer o estudo das estratégias textuais utilizadas por escritoras subalternas, a exemplo de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, tomando-as como parâmetro de uma escrevivência. Verificamos, portanto, como essas escritoras se ressignificam nesse contexto capitalista, de valores individuais e que solicita uma participação cidadã também na literatura, tendo como objetivo maior, fazermos uma descrição do processo desses encontros entre escritoras, uma teorização sobre a “escrevivência” das escritoras de Alagoinhas, criando condições para que estas, através da ação e reflexão sobre os seus textos, possam não só dizer sobre suas dores, mas ressignificá-las.

Os ateliês autobiográficos

Tanta gente que escreve porque não se inscreveram,
tanta mulher que escreve, porque não está aqui com
a gente? (Margarida Maria de Souza)

Os ateliês autobiográficos intitulei de *Escrevivendo*, o qual foi destinado especificamente a escritoras de Alagoí-nhas e região. Sendo assim, o curso *Escrevivendo/Ateliês* au-tobiográficos teve como objetivo a disseminação da literatu-ra feminina/feminista de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, aproximando-as das mulheres escritoras de Alagoi-nhas e região e observando, neste encontro entre textualida-des femininas, o papel dessas escritoras locais na sua própria formação, a partir do momento em que estas se apropriam da sua trajetória de vida em uma abordagem biográfica.

Além disso, também buscou propiciar o intercâmbio entre a academia e as escritoras de Alagoí-nhas e região, su-plementando leituras da literatura feminina/feminista, pela via do olhar e da vivência destas mulheres escritoras e contri-buir para a luta político-cultural-subjetiva das mulheres, de seus movimentos, contra um capital patriarcal que ne-ga/apaga/recalca, dos sujeitos femininos de direitos, sua fala, literatura, escrita-reescrita, leitura-releitura das ficções soci-ais.

Com isso, pretendíamos considerar o processo e os re-sultados do curso como objeto da nossa pesquisa, intitulada *Narrativas autobiográficas de escritoras de Alagoí-nhas: Pro-cessos de (auto)formação e (re)significação*, que, como o nome sugere, tem como objetivo verificar como as narrativas au-tobiográficas das escritoras de Alagoí-nhas, enquanto construto de (auto)formação dos sujeitos femininos e enquanto produ-ções feitas a partir da leitura de textos de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, criam condições para que estas (re)signifiquem as suas histórias de vida.

O primeiro encontro, nos ateliês, teve como objetivo verificar um primeiro olhar-registro-leitura de si feito por essas mulheres, antes das discussões sobre gênero, subjeti-vidade de mulheres e escrita que os textos teóricos e literá-rios e autobiográficos de Carolina de Jesus e Conceição Eva-risto, deveriam provocar.

No primeiro contato com as escritoras, demos as boas vindas para todas e fizemos uma rápida apresentação, logo em seguida para termos conhecimento das expectativas das escritoras sobre os encontros fizemos a dinâmica da mão, que consistia na seguinte atividade: as escritoras desenhariam a sua mão em uma folha de ofício e em cada dedo colocariam uma palavra para dizer sobre o que elas esperavam do curso. Como as escritoras tiveram dificuldades de escrever uma palavra em cada dedo, escreveram uma frase para cada.

O que podemos observar é que eram muitas as expectativas essas mulheres, em relação ao curso, como, por exemplo, desejos de conhecimento literário, ter conhecimento com clareza, se capacitar para as questões culturais, ter felicidades em participar do curso dentre outros.

Após a dinâmica, foi feita a apresentação da proposta dos Ateliês autobiográficos, explicando como o curso foi estruturado e as três categorias que foram elencadas, para o desenvolvimento das atividades, a saber: a condição socio-cultural, a condição de ser mulher e a condição de ser escritora. Trabalhamos sempre com um texto da escritora Conceição Evaristo e Trechos da Obra *quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus. Após a leitura de cada texto faríamos um momento de conversa sobre os textos lidos, seguido do momento de relatos das histórias de vida das escritoras a partir da categoria trabalhada, complementando com a escrita autobiográfica destas. Os textos produzidos serviriam como objeto da pesquisa do mestrado.

No segundo momento do primeiro encontro fizemos a dinâmica do espelho — conhecendo a si mesmo (Quem sou eu?) para verificarmos a primeira imagem construída pelas escritoras de si. Percebemos a surpresa das escritoras ao verem suas imagens refletidas no espelho dentro da caixa, assim como notamos uma certa dificuldade de falarem sobre o que viram. A primeira escritora então narra o que viu refletido no espelho da seguinte maneira:

Eu vi a figura de uma pessoa alegre, mostra alegria. Alegria porque mostra que tem esperança. Esperança do que o que estamos fazendo seja uma coisa muito boa e que venha beneficiar a gente e a gente possa passar a aprender com outras pessoas. O que eu vi é uma coisa muito boa, eu fiquei surpresa com o que vi, mas gostei (Luzia Senna, Entrevista narrativa, 2014).

A segunda escritora assim se descreve:

Interessante, profunda, sabe o que quer, almeja muito conhecimento essas coisas que vejo e dela deve sair ainda muitas coisas pela força do querer conhecer do querer saber vai sair muita coisa porque é muito forte (Margarida Maria de Souza, Entrevista narrativa, 2014).

Em seguida fizemos a leitura do poema “Eu-mulher” de Conceição Evaristo, acompanhada da roda de conversa sobre o poema e a dinâmica do espelho — conhecendo a si mesmo (Quem sou eu?), sondando o que as escritoras sentiram tendo que falar de si. Essas primeiras discussões deram base para a primeira escrita de si intitulada “quem sou eu” que, logo após sua feitura, foi socializada através também de leitura oral. Finalizamos o encontro com a avaliação com uma palavra chave. Para esse encontro avaliamos a participação e envolvimento de todas durante as atividades.

No segundo encontro tivemos como objetivo observar nas narrativas do outro, suas estratégias discursivas para a representação das suas condições sócio-históricas, no sentido de ativar a autocrítica acerca das nossas narrativas, enquanto sujeito de nossa própria história.

No terceiro ateliê tivemos como objetivo discutirmos sobre a condição de ser mulher, sendo assim, pensar as marcas do corpo do sujeito feminino através das interdições de seus desejos.

No decorrer das atividades sentimos a necessidade de reavaliar o plano do curso e este passou por algumas modifi-

cações do que tinha sido pensado inicialmente, por uma questão de tempo, de quantidade de escritoras inscritas etc. Neste momento do curso percebemos a impossibilidade de separarmos a condição de ser mulher com a condição de ser escritora que seria o tema gerador do próximo encontro, sendo assim, os dois temas foram trabalhados juntos nesses dois últimos encontros.

O quarto e último ateliê tinha como objetivo perceber, através das escritoras estudadas, o lugar situado dessas mulheres e o uso que fazem da sua escrita contra o capital patriarcal que nega/apaga/recalca os sujeitos femininos de direitos, sua fala, literatura e leitura/desleitura das ficções sociais. Com isso, continuar provocando o distanciamento das autoras sobre a sua própria história, criando condições para que estas, através da ação e reflexão sobre os seus textos, pudessem não só dizer sobre suas dores, mas ressignificá-las.

Foi nesta perspectiva, da narrativa de vida como uma dimensão autoformadora, que procuramos trabalhar nos ateliês, pois entendemos que o sujeito é capaz de se formar a partir da apropriação do seu percurso, ou seja, da sua história de vida, uma vez que o que foi vivido, ao ser narrado, torna-se experiência que vai nos ajudar a saber fazer, a tornar-se.

Nesse sentido, a autobiografia das escritoras torna-se um processo de autocrítica que revela tanto o conhecimento das “marcas de um corpo”, como parte de uma realidade coletiva — tematizada, por vezes, em seus poemas, contos, cordéis, entre outros gêneros — quanto a possibilidade de tomada de outras posições.

Deste modo, buscamos avaliar o encontro através da participação, do envolvimento das escritoras e reflexões críticas sobre a condição de ser mulher e as marcas do corpo feminino. Buscamos identificar de que maneira a escrita das escritoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo contribuiu ou não para a autocrítica das escritoras de Alagoinhas. Assim, também buscamos avaliar em que medida o curso con-

tribuiu para a “(auto) formação” destas escritoras alagoi-nhenses, mediante a apropriação de seus percursos de vida, em meio a leituras de textos ficcionais e autobiográficos de outras escritoras subalternizadas.

Portanto, foi esta a perspectiva dos ateliês autobiográficos que procuramos desenvolver como metodologia desta pesquisa realizada com escritoras de Alagoinhas, tendo como método principal, o biográfico, como instrumento de investigação da escrita de si feminina, que tanto traz a marca da diferença cultural, como um terreno fértil para se discutir os processos de singularização, as formas de aprisionamento, bem como de ressignificação, através de uma reflexão sobre si.

Algumas considerações

Com base nas leituras dos textos-vida destas escritoras a partir das categorias estabelecidas que contribuiram para delinear algumas indagações, acompanhamos o percurso que estas fizeram para se tornarem escritoras; o perfil destas escritoras, tendo como arcabouço a escrita narrativa/escrita de si; uma “escrita de si” feminina.

Ao relatarem as suas histórias, as escritoras narram aquilo que lhes marcaram, o que contribuiu para a sua formação/constituição de mulheres escritoras. Assim, refletimos sobre as relações de poder que perpassam os discursos, as condições de vida da escritora Luzia Senna e Margarida Souza, a “vivência do gênero feminino”, as interdições dos seus desejos de estudar, ler, escrever dentre tantas outras interdições que era/é submetida. As marcas discursivas destas mulheres, que de formas diversas sofreram exclusões.

Para compreendermos a relevância do trabalho desenvolvido durante os ateliês trago a fala de Margarida que nos diz da importância deste trabalho conjunto com outras escritoras subalternizadas, visto que, de alguma maneira, a escri-

ta dessas mulheres contribui para a autocrítica das escritoras de Alagoinhas. Fala que nos permite perceber, portanto, resíduos da contribuição do curso para a “(auto)formação” destas escritoras alagoinhenses, mediante a apropriação de seus percursos de vida.

Nelas a gente vê uma história de luta, como eu estava dizendo a Conceição é muito profunda eu me sinto a quem de acompanhar o pensamento, raciocínio dela, eu acho eu sou pequena para acompanhar o raciocínio dela. Então eu não vou dizer que não, eu devo me acomodar porque ela estar além, não, eu tenho que buscar ler mais, eu tenho que ler mais e eu não estou lendo. Então, a gente que quer escrever tem que ler, tem que acompanhar o desenvolvimento delas. Eu me sinto mais próxima à escrita de Carolina, porque Carolina eu acho assim, eu peguei muitas frases delas que eu admirei, pensamento dela, eu admirei o pensamento dela e essa menina [Conceição] ela é mais assim, muito subterfugia, muito subterfugio o pensamento dela e eu ainda não estou na condição de analisar, eu não tenho, eu não vou dizer que eu tenho porque eu não tenho. Eu acho assim muito profundo, assim como ela deve ter outras e outros então para que eu aprenda um pouquinho é necessário que eu tenha que ler escritores e escritoras (Margarida Souza, Entrevista narrativa, 2014).

Neste excerto podemos perceber a importância deste contato, de encontros com estas escritoras para leitura e reflexão das estratégias textuais utilizadas pelas escritoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, da interpretação de seus textos literários e autobiográficos desencadeados por estes encontros. Como já dissemos, é como se as histórias dessas mulheres, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus, narradas nos seus textos literários, convidassem as escritoras de Alagoinhas para acompanhá-las. É importante salientar que esses encontros mexeram com a subjetividade dessas mulheres, a partir do momento que elas se percebem de uma

outra maneira, com novas possibilidades, se reinventando nesse contexto ou reforçando sua força interior.

Margarida Souza e Luzia Senna, ao entrarem em contato, no espaço biográfico, com as escritoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo e com os seus textos-vida, percebem como estas mulheres ousaram escrever e afirmam a vida. Porém, as escritoras de Alagoinhas ao voltarem ao seu passado percebendo e ressignificando o percurso de vida que fizeram, estas vão se percebendo, também, como esta mulher de luta, que mesmo tendo o seu livro queimado junta forças e retoma, mesmo sendo proibida de estudar conclui os estudos já avó, mesmo com cinco filhos pequenos para criar, todos tornam-se universitários, mesmo sem apoio institucional para publicar tem feito as suas obras circularem. E se enfrentaram tudo isto e tantas outras coisas, porque não enfrentarão mais o que tiver de vir? Estas escritoras se percebem, também, como pessoas que são capazes assim como Carolina e Evaristo foram/são.

Ao colocarmos em diálogo, nos ateliês autobiográficos, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e escritoras de Alagoinhas, fizemos com a intenção de verificar como as escritoras de Alagoinhas em contato com estas outras repensaram suas vidas, mas, também, com o intuito de fortalecer essas mulheres que ousaram escrever, que fizeram da palavra um instrumento de resistência e luta, que não aceitaram o destino predestinado as mulheres. Ao mesmo tempo, no contato com estas escritoras Evaristo e Carolina de Jesus, também lhes enriquecemos ao por em circulação as suas histórias de vida e luta e suas obras literárias, fazendo com que os seus textos-vida sejam conhecidos, lidos e estudados.

Mulheres como a Conceição Evaristo e Carolina de Jesus nos fazem lembrar como é preciso ter um posicionamento político diante da vida. E precisamos refletir sobre o uso que fazemos da nossa escrita, seja ela literária ou acadêmica e como usamos o espaço acadêmico/institucional ao nosso favor e a favor de tantas outras mulheres que aqui não entra-

ram. Ao adentrarmos neste espaço não podemos nos eximir da luta. E lutar é ocupar espaço. O curso, os ateliês, as leituras e reflexões, neste encontro, foram promovendo reverberações também em mim, o sujeito que pesquisa, reflexões sobre o espaço da pesquisa, a instituição literária.

A postura de escritoras como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo nos fortalece ao ver como estas ousaram e conseguiram romper, em uma certa medida, com dispositivos que lhes aprisionavam, que negavam a sua voz como escritoras. Mulheres que nos servem como referência e nos mostram como podemos ousar, falar, nos posicionar e que precisamos sempre lutar por uma vida mais digna. Histórias de vidas aqui reunidas, cruzadas que nos servem para refletirmos sobre a nossa própria história.

Referências

ARFUCH, Leonor. Antibiografias? Novas experiências nos limites. In: MARTINS, Anderson Bastos; SOUZA, Eneida Maria; TOLENTINO, Eliana da Conceição. (Org). *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passegi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2006.

GOSS, Karine Pereira. Trajetórias militantes: análise de entrevista narrativas com professores e integrantes do movimento negro. In: WELBER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (Org.). *Metodologia da pesquisa qualitativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 38-86.

LACERDA, Lilian Maria de. *Edições (auto)biográficas: uma produção de voz feminina*. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gto4.gto4a6.pdf>.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB, 2013.

SCHUTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELBER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.) *Metodologia da pesquisa qualitativa*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

[Recebido: 11 set. 2015 — Aceito: 7 nov. 2015]